



Acervos do sexagenário Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da Universidade de Brasília

***Collections of the sexagenarian Oscar Niemeyer Planning Center at
the University of Brasilia***

***Colecciones del sexagenario Centro de Planificación Oscar
Niemeyer de la Universidad de Brasilia***

SOARES, Eduardo Oliveira

Universidade de Brasília, Centro de Planejamento Oscar Niemeyer. Brasília, DF, Brasil.
e-soares@hotmail.com
ORCID: 0000-0003-2655-8080

Recebido em 19/10/2021 Aceito em 05/09/2022



Resumo

A nova capital do Brasil, Brasília, e a Universidade de Brasília (UnB), inauguradas em 1960 e 1962, respectivamente, são frutos da crença na capacidade cultural nacional e de vultoso investimento no desenvolvimento do país. Com o intuito de assessorar tecnicamente a administração da Universidade em relação aos assuntos atinentes ao planejamento físico, no mês seguinte à sua inauguração foi criado o Centro de Planejamento (Ceplan), tendo como primeiro coordenador Oscar Niemeyer. Esse centro assimilou o espírito da época da sua implantação, criando e reunindo relevantes produções que podem ser caracterizadas como diferentes acervos: seu edifício faz parte do acervo arquitetônico da UnB e conta com obras de arte integradas; os espaços internos do prédio abrigam mobiliário original e maquetes de projetos relevantes; e a documentação acerca dos planos e projetos de infraestrutura, em suas diversas escalas e especificidades, registra uma longa trajetória. Este artigo apresenta os acervos do sexagenário Ceplan e os situam, em alguns aspectos, enquanto amostra de outros relevantes acervos da Universidade.

Palavras-Chave: Acervo, Arte, Documentação, Edifício, Mobiliário, Universidade.

Abstract

Brazil's new capital, Brasília, and the University of Brasília (UnB), inaugurated in 1960 and 1962, respectively, are the result of the belief in the national cultural capacity and of substantial investment in the country's development. In order to technically advise the University's administration on matters pertaining to physical planning, in the month following its inauguration, the Planning Center (Ceplan) was created, being Oscar Niemeyer its first coordinator. This center assimilated the spirit of the time of its implementation, creating and bringing together relevant productions that can be characterized as different collections: the building itself is part of the architectural collection of UnB and has integrated works of art; the building's internal spaces house original furniture and models of relevant projects; and the documentation about planning and infrastructure projects in their various scales and specificities has a long history. This article presents the collections of the sixty-year-old Ceplan and places them, in some aspects, as a sample of other relevant collections of the University.

Key-Words: Collection, Art, Documentation, Building, Furniture, University.

Resumen

La nueva capital de Brasil, Brasilia, y la Universidad de Brasilia (UnB), inauguradas en 1960 y 1962, respectivamente, son el resultado de la perdurabilidad de la capacidad cultural nacional y de la inversión agrícola en el desarrollo del país. Con el fin de asesorar técnicamente a la administración de la Universidad en asuntos relacionados con la planificación física, en el mes siguiente a su inauguración se creó el Centro de Planificación (Ceplan), con Oscar Niemeyer como primer coordinador. Este centro asimiló el espíritu de la época de su implementación, creando y reuniendo producciones relevantes que se pueden caracterizar como diferentes colecciones: su edificio forma parte del acervo arquitectónico de la UnB y ha integrado obras de arte; los espacios internos del edificio albergan mobiliario original y maquetas de proyectos relevantes; y los documentos sobre planes y proyectos de infraestructura en sus diversas escalas y especificidades registran una larga trayectoria. Este artículo presenta las colecciones del Ceplan de sesenta años y las sitúa, en algunos aspectos, como muestra de otras colecciones relevantes de la Universidad.

Palabras clave: Colección, Arte, Documentación, Construcción, Mobiliario, Universidad.



1. Introdução

Na década de 1950, em um contexto de desenvolvimento econômico e de mudanças culturais, o presidente do Brasil à época, Juscelino Kubitschek de Oliveira, elegeu como metassíntese do seu governo a construção de uma Nova Capital do país. Com os holofotes em personagens como Lucio Costa e Oscar Niemeyer, e tendo homens e mulheres *anônimos* alicerçando a sua construção a duras penas, Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960.

Para a capital moderna, que marcava no território a capacidade de realização dos brasileiros, foi pensada uma universidade condizente com o espírito arrojado e inovador de então. A inauguração da Universidade de Brasília (UnB) e do seu *campus* ocorreu em 21 de abril de 1962. A UnB foi idealizada para ser uma referência para as demais universidades, pois viabilizaria “(...) a adoção de reformas estruturais reclamadas há anos, com o propósito de adaptá-las às necessidades de formação de cientistas e tecnólogos para atender aos imperativos do desenvolvimento nacional” (RIBEIRO, 1963, p. 4). O desejo de renovação acadêmica também instigou a busca por modos inéditos de abordar questões relacionadas ao planejamento físico da Universidade.

Em maio de 1962, foi criado o Centro de Planejamento (Ceplan) com o intuito de assessorar tecnicamente a administração da UnB em relação aos assuntos atinentes ao planejamento físico. Seu primeiro coordenador foi Oscar Niemeyer que, à frente de uma talentosa equipe, mobilizou esforços para que o urbanismo e a arquitetura da universidade estivessem à altura da inovadora proposta da Nova Capital.

Brasília, a UnB em geral, e o Ceplan em particular, inserem-se em um momento singular do país. Estão interligados em um contexto de crença na capacidade cultural nacional e no vultoso investimento a fim de melhorar a infraestrutura nacional. Na Universidade, esses aspectos estão impregnados na memória institucional e, também, nos edifícios, nos artefatos e na documentação.

Em uma instituição como a Universidade de Brasília há vários acervos, que são reunidos, conservados e disponibilizados segundo procedimentos do âmbito da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia. Concomitantemente a toda a documentação e aos artefatos – próprios de um ambiente de ensino, pesquisa e extensão – com potencial de constituírem acervos, há o território universitário. Em sua feição de suporte da vida acadêmica, o território físico abarca informações relacionadas à arquitetura, ao urbanismo, à arte, ao paisagismo, ao mobiliário.

A sociedade, seguindo o espírito do seu tempo, elege o que pode vir a constituir um acervo relevante em relação à cidade, à sociedade, ao meio ambiente etc. “É interessante observar que as coisas não são documentos em seu nascedouro. As coisas são coisas. Em outros termos, os objetos nascem objetos, com determinadas e específicas funções” (CHAGAS, 1994, pp. 34-35). O *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, que abriga a UnB, pode ser observado enquanto um documento, um grande acervo arquitetônico onde, em cerca de uma centena de edificações e em vários espaços livres, paira parte da história e da memória da Universidade.

O edifício onde o Ceplan está instalado – nomeado SG 10 (Fig. 1), sigla de Serviços Gerais – é representativo no acervo arquitetônico da UnB. Fruto de pioneira experiência com a tecnologia do concreto pré-fabricado tem, também, o diferencial de contar com obras de arte integradas. Outro acervo é o mobiliário presente no prédio, que compartilha o espaço com algumas relevantes maquetes de propostas arquitetônicas. Por fim, há o acervo constituído pela documentação, em formato físico ou digital, acerca dos planos e projetos de infraestrutura desenvolvidos pelo Ceplan em suas diversas escalas e especificidades. “O ensinamento, como se sabe, não emana e não está embutido no documento. Ele está, brota e surge a partir da relação que com o documento/testemunho se pode manter” (CHAGAS, 1994, p. 34). O primeiro passo para se entender algo como passível de ensinamento é descobrir ou atribuir um valor enquanto reminiscência relevante para a sociedade.

Figura 1: Fachada do SG 10, edifício que abriga o Ceplan.



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)

A importância do Centro de Planejamento Oscar Niemeyer em relação à história da Universidade e da cidade pode ser conferida na diversificada documentação que gerou ao longo de sua existência e, também, na edificação que lhe serve de sede. Consciente ou inconscientemente, “o arquivo e os documentos se fabricam, tanto quanto as narrativas que deles se utilizam” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 25). A relevância do Ceplan já foi destacada em publicações como o pioneiro “Registro arquitetônico da Universidade de Brasília” (SCHLEE *et al*, 2013) e a tese “CEPLAN: 50 anos em 5 tempos” (CAVALCANTE, 2015). Porém ainda não havia sido realizada uma abordagem destacando os seus acervos. Isso instigou a redação deste artigo.

No ano de 2022, tanto a Universidade de Brasília quanto o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer completaram 60 anos. É uma boa oportunidade para celebrar o Ceplan, que assimilou o espírito da época da sua implantação, criando e reunindo relevantes produções que podem ser caracterizadas como diferentes acervos.

Um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo; no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc. (CHAGAS, 1994, p. 35).

O suporte em que os documentos se expressam são diversos, por isso podemos tratá-los não somente como *um acervo*, mas como *acervos* afins a mais de uma área de conhecimento. Este artigo se subdivide nos tópicos: *Trajetória; Edifício; Artefatos; e Documentação* e apresenta os acervos do Ceplan, situando-os, em alguns aspectos, enquanto amostras de outros relevantes acervos da UnB. A abordagem partiu da pesquisa nos próprios documentos e artefatos o que, conseqüentemente, permitiu conhecer, avaliar e contextualizar informações tanto sobre sua constituição quanto sobre as condições de guarda, conservação e modos de disponibilização.

O edifício, as obras de arte a ele integradas, o mobiliário, as maquetes e a documentação do Centro de Planejamento Oscar Niemeyer constituem um todo que sintetiza parte da história da Universidade de Brasília.



2. Trajetória

O Centro de Planejamento, na sua feição inicial, era responsável pelo (1) planejamento físico e projeto das edificações; (2) suporte ao projeto político-pedagógico; e (3) pesquisa e produção de tecnologias inovadoras a serem utilizadas dentro e fora da UnB (CAVALCANTE, 2015, p. 386). Os profissionais se desdobravam nessas tarefas que envolviam tanto questões administrativas quanto o ensino, a pesquisa e a extensão.

Em meio a ações contrárias à liberdade de expressão promovidas no período da Ditadura Militar implantada no país em 1964, no ano seguinte, em 18 de outubro, 15 professores foram demitidos da Universidade, acusados de incompetência ou subversão. Alguns foram presos. Oscar Niemeyer estava na lista dos nomes com ordem de prisão, porém não estava em Brasília. No dia seguinte, 223 dos 305 professores pediram demissão (CAVALCANTE, 2015, pp. 153-154). A abrupta interferência nas atividades de uma universidade ainda em fase de implantação, alterou a equipe e as atividades do Ceplan. As obras de construção de edifícios continuaram, porém, “(...) pouco ou quase nada se produziu no Ceplan entre 1965 e 1968” (CAVALCANTE, 2015, p. 169).

Na década de 1970, o Ceplan foi renomeado Laboratório Experimental de Arquitetura e Urbanismo (LEAU), vinculado ao Instituto de Artes e Arquitetura (IAA). Nem sempre a documentação remanescente converge para uma única informação sobre os eventos passados. Nesse caso, há diferentes datas para essa nova nomenclatura: 1970 (CAVALCANTE, 2015, p. 389), 1973 (CAVALCANTE, 2015, p. 187) e 1978 (SCHLEE *et al*, 2013, p. 42).

Em 1986, foi retomada a sigla Ceplan, desta vez como sigla de Centro de Planejamento Oscar Niemeyer (SCHLEE *et al*, 2013, p. 42). O edifício que o abriga passou a ser nomeado “SG 10 – Centro de Planejamento Oscar Niemeyer”. Também em 1986 foi implantada a Prefeitura do *Campus*, que “implicou uma sobreposição de funções” (CAVALCANTE, 2015, p. 390) entre as atividades de planejamento, projeto, construção e manutenção dos espaços construídos, situação que perdurou ao longo do tempo.

Desde então, o Ceplan ora é vinculado ao Gabinete do Reitor, ora a algum Decanato ou Secretaria. Entre momentos luminosos e sombrios, sua produção permanece como referência na memória institucional da Universidade (CAVALCANTE, 2015); no planejamento de *campi* e desenvolvimento de técnicas construtivas (ALBERTO, 2008); e na estruturação dos cursos de graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo na UnB (ALIAGA FUENTES, 2017). Depois da demissão coletiva, as atividades do Ceplan restringiram-se às de planejamento físico e projetos de arquitetura.

Além de seu *Campus* mais antigo, neste século foram criados mais três: o de Planaltina, o do Gama e o de Ceilândia. Nesses quatro *campi*, o total de área construída é de 637.712 m² (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2020).

3. Edifício

A localização do *Campus* da UnB seguiu parcialmente a proposta de Lucio Costa (1991, p. 24) no seu *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. As alterações introduzidas no momento da transposição do Plano para a efetiva construção foram decorrentes de sugestões do júri do concurso do projeto da Nova Capital, das vicissitudes do processo político de transferência, e da avaliação pós-ocupação (LEITÃO, 2003, pp. 152-153). O *Campus* está localizado no quadrante nordeste da cidade, com um pequeno deslocamento para o norte em relação à proposta original de Brasília.

Um dos instrumentos de reconhecimento da relevância de locais, edificações, artefatos etc. é o tombamento, realizado por meio de iniciativa do Poder Executivo local ou nacional. No caso do SG 10, este processo está em avaliação no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) por



meio do Processo de Tombamento 2011-T-22. A demora na indicação e análise do seu tombamento talvez se deva ao ofuscamento causado pela significativa presença de obras tombadas, principalmente de Oscar Niemeyer, na cidade. A arquitetura do *Campus*, porém, está à altura de Brasília.

Ao circular pelo *Campus*, tem-se contato com um patrimônio arquitetônico e paisagístico rico e diversificado que revela camadas sobre vanguarda, estética e política (FERREIRA *et al*, 2014, p. 14). E o *Campus* está localizado no Conjunto Urbanístico de Brasília, sítio urbano tombado pelo Governo Federal e reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) como Patrimônio Mundial.

Significativo também é o acervo de arte da Universidade de Brasília, constituído por obras em diversas linguagens e suportes. Ao longo de décadas, “o legado de cerca de mil obras acolhidas em diferentes coleções e circunstâncias ímpares oferece a oportunidade de nos aproximar de parte da história da UnB e de sua importância na constituição do cenário artístico da capital” (FERREIRA *et al*, 2014, p. 9). No SG 10, que abriga o Ceplan, há três pinturas em mural de autoria de Oscar Niemeyer.

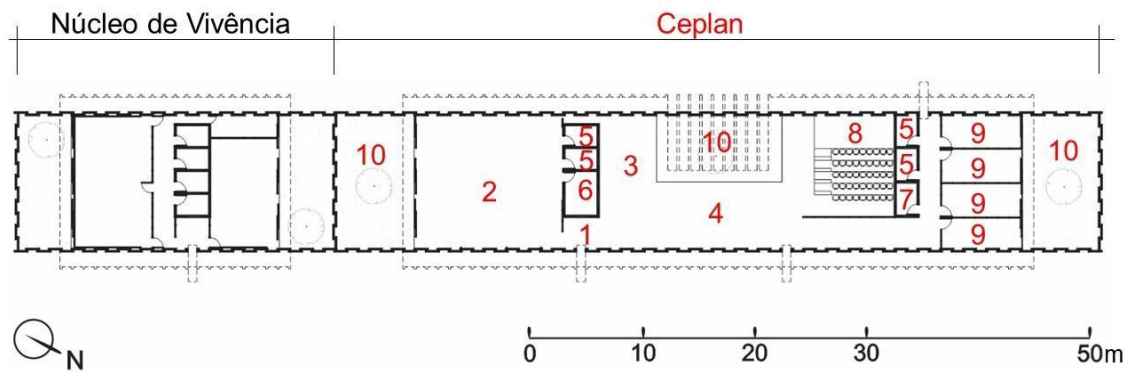
O urbanismo e a arquitetura do *Campus* Universitário foram de responsabilidade da mesma dupla que definiu a paisagem de Brasília: Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O Plano Piloto da Universidade de Brasília foi elaborado por Lucio Costa em 1960 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962, p. 22) e apresenta – evidentemente – um *campus* em consonância com o urbanismo da cidade: edificações imersas em farta área verde. No mês seguinte à inauguração da Universidade, “o Conselho Diretor da UnB instituiu, como órgão de Assessoria Técnica da Reitoria, o Centro de Planejamento (Ceplan), sob a coordenação de Oscar Niemeyer, tendo como consultores Lucio Costa e o engenheiro e poeta Joaquim Cardoso” (CAVALCANTE, 2015, pp. 69-70). Inaugurada a capital, parte dos responsáveis pela sua construção migraram para a Universidade de Brasília a fim de continuar uma jornada de grandes desafios e realizações. Nesse período inicial, o Ceplan era subdividido na Seção de Urbanismo, integrada por Lucio Costa, Jaime Zettel e Italo Campofiorito, e na Seção de Arquitetura, que reunia Oscar Niemeyer, João Filgueiras Lima, Sabino Barroso, Glauco Campelo, Virgílio Sosa Gomes, Evandro Pinto Silva, Carlos Bitencourt, Hilton Gerson Costa, Abel Accioly, Darcy S. Pinheiro e Oscar B. Kneipp (PESSINA, 1964, p. 30).

No Brasil, o Ceplan foi pioneiro no projeto e na construção, utilizando a pré-fabricação. A partir de 1962, foram projetados e construídos no *Campus* quatro edifícios de apartamentos, sete “galpões” destinados aos Serviços Gerais (incluindo o próprio edifício que abriga o Ceplan) e o monumental Instituto Central de Ciências (ICC) (PESSINA, 1964, p. 25). Também foram elaborados projetos – não executados – para clientes externos à UnB (PESSINA, 1964, p. 30).

No caso do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, considerando a temporalidade, a tipologia da arquitetura pode ser dividida em cinco fases: a primeira é predominantemente caracterizada pela experimentação de sistemas pré-fabricados; a segunda, pelo uso do concreto de forma bruta e expressiva; a terceira, pela heterogeneidade das propostas; a quarta, pela tentativa de recuperação de características arquitetônicas já consagradas na UnB (SCHLEE *et al*, 2013, p. 19). A partir da década de 2010, pode ser identificada uma quinta fase da arquitetura do *Campus*: a predominância da exaustiva e indiscriminada repetição de alguns projetos-modelo. O edifício SG 10, que abriga o Ceplan, integra a *primeira fase* da arquitetura do *Campus*.

Os chamados SGs – são cinco edifícios de um pavimento e três de dois – integram, dentre outros espaços, o Sítio Histórico do *Campus* da UnB “considerando os valores histórico, simbólico e afetivo da primeira área de convívio e estudo” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2009). O SG 10, projetado em 1962 e construído em 1963, possui um pavimento e foi projetado por Oscar Niemeyer. O detalhamento foi realizado por João Filgueiras Lima, conhecido como Lelé, e o paisagismo original é de Alda Rabelo. Lelé relembra que, naquele período, Niemeyer, além das atividades na UnB, desdobrava-se na realização de projetos para o exterior. Na véspera de uma viagem, “ele delineou aquele projetinho: o espaço do Ceplan como deveria ser. (...) O Oscar voltou e organizou tudo. Aí se delineou a função do Ceplan” (CAVALCANTE, 2015, p. 470). Em planta do acervo do próprio Ceplan,

Figura 3: Planta Baixa do SG 10.



Legenda: 1 – Hall; 2 – Sala de desenho; 3 – Reuniões; 4 – Exposições; 5 – Sanitários; 6 – Depósito (originalmente, *Copiadora*); 7 – Copa; 8 – Auditório; 9 – Direção; 10 – Jardim.
Fonte: Registro Arquitetônico (SCHLEE *et al*, 2013, p. 42) adaptado pelo autor (2022)

Figura 4: Interior do SG 10 – Reuniões.



Fonte: Marcel Gautherot (*circa* 1963/1964), Instituto Moreira Salles (IMS)

Passadas décadas da sua construção, a experiência em pré-moldado ocorrida na UnB ainda é uma referência nacional e tem no SG 10 um dos seus melhores exemplares. A edificação se caracteriza por ser externamente um volume fechado (Fig. 1), baixo, com pintura branca e portas vermelhas basculantes marcando os acessos. Internamente, apresenta espaço livre, integrado com jardins e com um auditório escavado. Marcel Gautherot registrou, em fotografias, a diversidade de tarefas ocorridas nos primeiros anos do Ceplan (Fig. 4 e 5). Pode-se imaginar o fotógrafo procurando o melhor ângulo de captura de imagens entre as reuniões das equipes e as aulas que eram ministradas no Auditório.

Há no SG 10 obras de arte integradas à arquitetura: são três pinturas em mural de autoria de Oscar Niemeyer. Em um dos acessos, há o desenho de uma pomba com a palavra “paz” em seis idiomas. No espaço de Reuniões (Fig. 4), há croquis das propostas dos edifícios da Reitoria, do Museu e da Aula Magna, que integrariam a Praça Maior (SCHLEE, 2018). Nenhum desses projetos de Niemeyer foi executado. As paredes que recebem essas pinturas em traços pretos são brancas, refletindo a luz do ambiente. No Auditório, em traços brancos sobre base preta, condizente com a baixa luminosidade de uma parede de fundo, há o croqui do Congresso Nacional e das originais colunas utilizadas nos palácios de Brasília (Fig. 5).

Figura 5: Interior do SG 10 – Auditório.



Fonte: Marcel Gautherot (circa 1963/1964), Instituto Moreira Salles (IMS)



Essas pinturas contribuem para a singularidade e relevância da edificação, inserindo-a no circuito de obras de arte da Universidade de Brasília. As pinturas de Oscar Niemeyer evocam a época da implantação de Brasília e lembram a atemporal necessidade de paz. Considerando que foram feitas pelo autor do projeto do edifício em que estão inseridas e que integram um espaço que lhe servia de ambiente profissional, dão margem a especulações de como seria esse local de trabalho onde a celeridade da execução das tarefas se conciliava com a da expressão artística.

Os murais de Niemeyer apresentam-se como obras de arte de fácil acesso ao público, diferente de grande parte do restante do acervo de arte da Universidade, localizado em “gabinetes, salões, ou estocados em mapotecas, dentro de reservas técnicas ou na Seção de Obras Raras da Biblioteca Central” (FERREIRA *et al*, 2014, p. 15). Até o momento, não há um museu da UnB destinado a abrigar o seu acervo artístico ou histórico.

No SG 10, Niemeyer reuniu em um espaço singelo características marcantes de sua abordagem da arquitetura: a permeabilidade dos espaços; a presença de jardins internos; a integração de obras de arte. É uma amostra do que se vê nos monumentais palácios e demais edifícios públicos em Brasília.

A contribuição entre arquitetura e obras de arte integradas é recorrente na história, porém, no contexto das vanguardas da primeira metade do século XX e das discussões nos Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAMs), foi reelaborada. O SG 10 constitui exemplar do conceito de *síntese das artes* que enfatiza que “obras de arte devem estar presentes no espaço da arquitetura e da cidade em uma relação de mútua interferência” (GONSALES, 2012). Nessa abordagem de síntese, “todos os elementos relacionam-se formando uma unidade harmônica, de valor maior que sua simples justaposição” (MELO, 2003, p.122). A precisão da disposição e a cromia dos painéis do Ceplan resultam nessa característica. Registra-se que Brasília, antes mesmo de sua inauguração, sediou o *Congresso Internacional de Críticos de Arte*, em 1959, que teve como tema *A cidade nova – síntese das artes*.

O edifício segue as diretrizes que Niemeyer elegera para os projetos naquela fase da sua carreira: “as soluções compactas, simples e geométricas; os problemas de hierarquia e de caráter arquitetônico; as conveniências de unidade e harmonia entre os edifícios e, ainda, que estes não mais se expressem por seus elementos secundários, mas pela própria estrutura devidamente integrada na concepção plástica original” (NIEMEYER, 1958, pp. 4-5). Portanto, esse pequeno prédio documenta, por meio da arquitetura, parte da essência criativa de Niemeyer.

“Ao se constituir um documento, de imediato se coloca com esta constituição a necessidade de preservá-lo. Ao longo do tempo essa necessidade exige permanente confirmação” (CHAGAS, 1994, p. 38). Registrar as peculiaridades desse edifício endossa a já reconhecida necessidade de manter suas características originais e a força da nomenclatura e da sigla Ceplan.

Em relação ao acervo arquitetônico da UnB, o SG 10 é exemplo da fase em que era utilizada pioneiramente a tecnologia do pré-moldado. Mas existe também a unicidade dentro do *Campus*, de ser um edifício que evoca a síntese das artes. Além disso, o SG 10 registra aspectos que marcam a maioria das edificações da UnB. No *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, “por meio da integração entre os espaços internos e externos e da presença da vegetação, o céu, o Sol e a sombra são elementos constituintes da expressão arquitetônica de vários prédios” (SOARES, 2021, p. 246). O concreto, os jardins e a arte são complementados, no Ceplan, pelo mobiliário e pelas maquetes que ambientam o seu salão principal.

4. Artefatos

Comumente, as obras de arte podem ser associadas a ações de conservação e musealização. Porém objetos do cotidiano podem transitar de uma impressão de banalidade a um reconhecimento enquanto artefato cujo desenho ou cuja história possuam relevância para a sociedade. Aliás, essa é uma característica intrínseca aos objetos utilizados no cotidiano, como o mobiliário. Os móveis “são parte indissociável da própria história da Universidade de Brasília e de todo o contexto que envolveu a

vontade de fazer dos *arquitetos-designers* que dela participaram” (COSTA JÚNIOR, 2014, p. 189). Por estar exposto ao desgaste do uso, muito do mobiliário da UnB se perdeu. Com isso, os móveis remanescentes parecem concentrar ainda mais a característica de artefato representativo de uma época.

Assim como as obras de arte, o mobiliário ainda aguarda um espaço expositivo na Universidade de Brasília que faça jus a esse acervo disperso em ambientes administrativos e acadêmicos. Neles nem sempre há a adequada conservação e visibilidade.

Figura 6: Mobiliário no Ceplan.



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)

Algumas peças do mobiliário original da UnB encontram-se no Ceplan. Há, no SG 10, mobiliário assinado por arquitetos pioneiros na Universidade. Acerca do mobiliário, há no acervo de projetos do próprio Ceplan “(...) desenhos de móveis, como mesas de trabalho e reuniões, estantes e sofás, entre outros, com o nome ou as iniciais” (COSTA JÚNIOR, 2014, p. 146) de Sérgio Rodrigues e de Lelé. Naquela época, “tanto a arquitetura como o mobiliário modernos obedeciam, em última instância, às prerrogativas de uma concepção de mundo, isto é, de um tipo de processo artístico, científico, técnico e social que poderíamos denominar em sua totalidade de processo de modernização emancipatória” (MARI, 2014, p. 161). Estão ainda em uso no Ceplan mesas, cadeiras e sofás que atendem aos servidores e visitantes do edifício e são resquícios do mobiliário utilizado na primeira década da Universidade (Fig. 6). Fazem parte do acervo do local a cadeira em pau-ferro em couro trançado, que tem autoria atribuída a Luiz Marçal Neto (COSTA JÚNIOR, 2014, p. 143), e a cadeira em couro sola. Há também prancheta de desenho e bancos expostos, como em um tributo ao antigo modo de projetar.

A sobrevivência, no Ceplan, desse mobiliário de uso contínuo, deve-se ao reconhecimento de seu valor histórico e de *design*. O acervo do mobiliário original da Universidade tem no SG 10 um local de visibilidade. Porém há pouco mais de uma década era possível encontrar móveis originais da Universidade em precário estado de conservação, amontoados no Almoxarifado Central da UnB.

Também há no Ceplan algumas maquetes de projetos de edificações. Elas tradicionalmente ficam acessíveis aos visitantes do SG 10 em um espaço que, desde a sua concepção, é denominado *Exposições* (Fig. 3). Das cerca de duas dezenas de maquetes produzidas, algumas se destacam devido à antiguidade ou qualidade com que foram executadas.

Há maquetes de projetos não executados que, por si só, geram curiosidade. Uma delas é a da Capela Ecumênica (Fig. 7), proposta por Antônio Afonso Toledo, na década de 1970, que seria localizada entre os edifícios da Reitoria e do Instituto Central de Ciências (ICC). O fato de a maquete ter um teto removível a torna ainda mais interessante.

Figura 7: Maquete da Capela Ecumênica, proposta na década de 1970 (não construída).



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)

Talvez a maquete mais estimada do acervo do Ceplan seja a de um edifício que é um ícone da UnB: o Instituto Central de Ciências, projetado em 1963. A autoria da maquete (Fig. 8) é de Oscar Niemeyer. Ela apresenta proposta para a edificação que, pela sua dimensão – 700 metros de comprimento –, uso e localização, norteou a ocupação do *Campus* Universitário.

Os locais em que um artefato circula criam e respaldam a sua importância. Essa maquete do ICC foi exposta na mostra *América Latina em Construção: a Arquitetura 1955–1980* (*Latin America in*

Construction: Architecture 1955–1980), organizada por Barry Bergdoll, Carlos Eduardo Comas, Jorge Francisco Liernur e Patricio del Real (BERGDOLL *et al*, 2015), que ocorreu no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), no ano de 2015. Em decorrência dessa exposição, tal artefato foi ressignificado, sendo a ele atribuído novo valor devido ao local onde foi apresentado. “Imerso na nossa contemporaneidade, decorando ambientes, integrando coleções ou institucionalizado no museu, o objeto antigo tem todos os seus significados, usos e funções anteriores drenados e se recicla, aqui e agora, essencialmente, como objeto-portador-de-sentido” (MENESES, 1992). Isso acontece com objetos do contexto pessoal e institucional.

Figura 8: Maquete do Instituto Central de Ciências, projetado em 1963.



Fig. Maquete do Instituto Central de Ciências. Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)

As maquetes constituem documentos tridimensionais – os demais documentos do acervo do Ceplan serão abordados no próximo tópico –, e o “documento tem uma história de sua própria constituição, enquanto tal, que interfere nos sentidos que ele possa oferecer” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 19). Essa maquete do ICC já era relevante enquanto documento tridimensional histórico assinado por um dos principais arquitetos do país. Com a mostra em Nova Iorque, teve expandida a sua importância.

O que talvez fosse apenas mais uma maquete de um projeto, tornou-se, com o tempo, artefato que remete o observador a uma época em que a cidade e a Universidade pareciam surgir da conjunção entre projetos ambiciosos e árduo trabalho. Artefato que já representou, no exterior, a qualidade da arquitetura produzida no Ceplan, na UnB, em Brasília, no Brasil.

No SG 10, porém, esses resquícios táteis do passado da Universidade convivem com mobiliários e atividades do tempo atual, o que torna o ambiente ainda mais rico nas camadas de temporalidades.



“O documento é compreendido como ‘suporte de informações’ que só podem ser preservadas e resgatadas através do questionamento” (CHAGAS, 1994, p. 34). Para conhecer e questionar essas temporalidades, a comunidade precisa ter conhecimento da potencialidade de informações que esses objetos contêm. A possibilidade de descarte de artefatos, de equipamentos ou de documentos é grande quando não há preocupação na identificação de um valor que transcenda o de uso. Perceber algo – o edifício, as obras de arte, o mobiliário, as maquetes, enquanto integrantes de acervos relevantes para a sociedade, é uma etapa para fomentar a sua preservação.

No caso da documentação arquivística, há toda uma regulamentação que ampara a sua guarda. Os documentos provenientes das atividades técnicas do Ceplan constituem, evidentemente, um outro relevante acervo a ser destacado.

5. Documentação

Na UnB, foi na década de 1980 que iniciativas sobre a guarda e o acesso à documentação propiciaram a criação do Centro de Documentação e Arquivo (CEDAQ), em 1986, substituído pelo Centro de Documentação (CEDOC), em 1988, e, por fim, pelo Arquivo Central (ACE), em 2014 (ARQUIVO CENTRAL da UnB, s.d.). Na UnB, o ACE segue, dentre outras diretrizes, a Lei n. 8.159, de 8/01/1991, a LAI, Lei de Arquivos, e é o responsável por assessorar a política arquivística e gerenciar sua preservação e seu acesso. Parte do seu acervo está disponível *on-line* por meio da plataforma AtoM – <https://www.atom.unb.br/>.

Porém há artefatos e documentos que transcendem esse universo e é “impossível de prejudicar aquilo de que se deverá lembrar” (NORA, 1993, p. 15). A avaliação sobre o que pode vir a constituir um acervo deve ser contínua, pois o “documento de arquivo tem como traço característico o fato de ser produzido de forma natural e rotineira, por imperativos de ordem prática, sem qualquer intenção de se transformar em fonte para a história” (CAMARGO, 2003, p. 11). A percepção da importância do acervo, aliás, a própria percepção de que o conjunto de objetos e documentos forma um acervo, pode vir somente depois de algum tempo.

Ao se ter contato com as reminiscências do passado, que constituem acervos da sociedade, os pesquisadores podem inovar nas leituras, interpretações e correlações. A relação com os arquivos “não é apenas da ordem do racional, os documentos emocionam, mexem com a sensibilidade do pesquisador, os documentos se tornam mais ou menos relevantes, se tornam dignos de eleição, de escolha, de seleção, de recolha, de registro e de citação pela emoção que causam no pesquisador (...)” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 12). Pois, no âmbito do centro de custo e da edificação que o abriga, o Ceplan desperta essas sensações em alguns de seus pesquisadores e frequentadores.

As atividades de planejamento do espaço físico desenvolvidas ao longo de décadas no Ceplan geraram, e ainda geram, farta documentação. Esse material criado institucionalmente demanda fases de arquivamento denominadas: corrente, intermediária e permanente (RONCAGLIO, 2015, p. 72). A fase corrente é a dos documentos criados ou alterados com muita frequência. A intermediária é a dos documentos de acesso mais eventual. O destino da documentação pode ser o descarte ou a guarda permanente na própria unidade ou no arquivo central da instituição. No âmbito das licitações e da construção civil, por exemplo, há exigência de guarda da documentação por um período mínimo.

“Na literatura arquivística *permanente* e *histórico* são atributos que se aplicam, quase indistintamente, a documentos cujo interesse para a posteridade, e, portanto, para a pesquisa retrospectiva, recomenda guarda prolongada” (CAMARGO, 2003, p. 11). Na UnB, o Arquivo Central abriga milhares de documentos, porém poucos itens do acervo do Ceplan foram encaminhados para ele.

No dia a dia do Ceplan, o acesso à documentação histórica é frequente, bem como a elaboração de novos produtos: planos, projetos, as *builts*, pareceres, memoriais, orçamentos etc. Comumente, há várias versões para cada documento, afinal, os planos e projetos procuram seguir a velocidade das necessidades da ciência, normalmente represada pelas limitações da disponibilidade financeira ou política. Entre a ideia inicial e o produto pronto, anos podem se passar, o que acarreta a necessidade



de ajustes nos planos e projetos. Considerando, ainda, as mudanças da legislação e da gestão da Universidade, o *Plano Definitivo* ou *Projeto Final* parecem estar sempre no futuro.

Dentre milhares de documentos, constam no acervo do Ceplan os *Planos de Uso e Ocupação* de cada *campi*. Em relação ao mais antigo, o *Campus* Universitário Darcy Ribeiro, observa-se que a documentação relativa ao uso e à ocupação do solo apresenta alguns aspectos recorrentes, como: a indefinição da localização da frente e dos fundos do *Campus* (curiosamente algo costumeiro em lotes e edifícios em Brasília); a intenção de construção da Aula Magna (desconsiderando que a área definida para a sua locação interferiria em um dos espaços mais aprazíveis do *Campus*); e a criação de um Parque Tecnológico (SOARES, 2018).

Há, no acervo do Ceplan, documentos relacionados a momentos de grandes investimentos na Universidade que propiciaram a elaboração de estudos sobre a expansão edilícia e da infraestrutura urbana. Destacam-se o *Plano de Desenvolvimento Físico do Campus Universitário Darcy Ribeiro*, de 1989; o *Plano UnB XXI*, de 2000; e o Plano relacionado à *Reestruturação e Expansão das Universidades Federais* (REUNI), de 2007.

A UnB já mobilizou a construção de mais de uma centena de edifícios nos seus quatro *campi* e nas Unidades Dispersas, como são chamados os espaços extra *campi*, como a Fazenda Água Limpa (FAL) e vários edifícios existentes no Distrito Federal e em Goiás. Cada nova edificação ou proposta urbana requer planejamento e projeto e, no decorrer do tempo, reformas e/ou ampliações. Uma pequena obra, dependendo da complexidade do espaço, pode demandar desproporcional documentação.

Grandes edificações, como a Faculdade de Medicina (FM) e a Faculdade de Ciências da Saúde (FS), que compartilham o mesmo edifício; o monumental ICC; ou a Reitoria, com suas diversas subdivisões administrativas, periodicamente requerem Planos de Reordenamento.

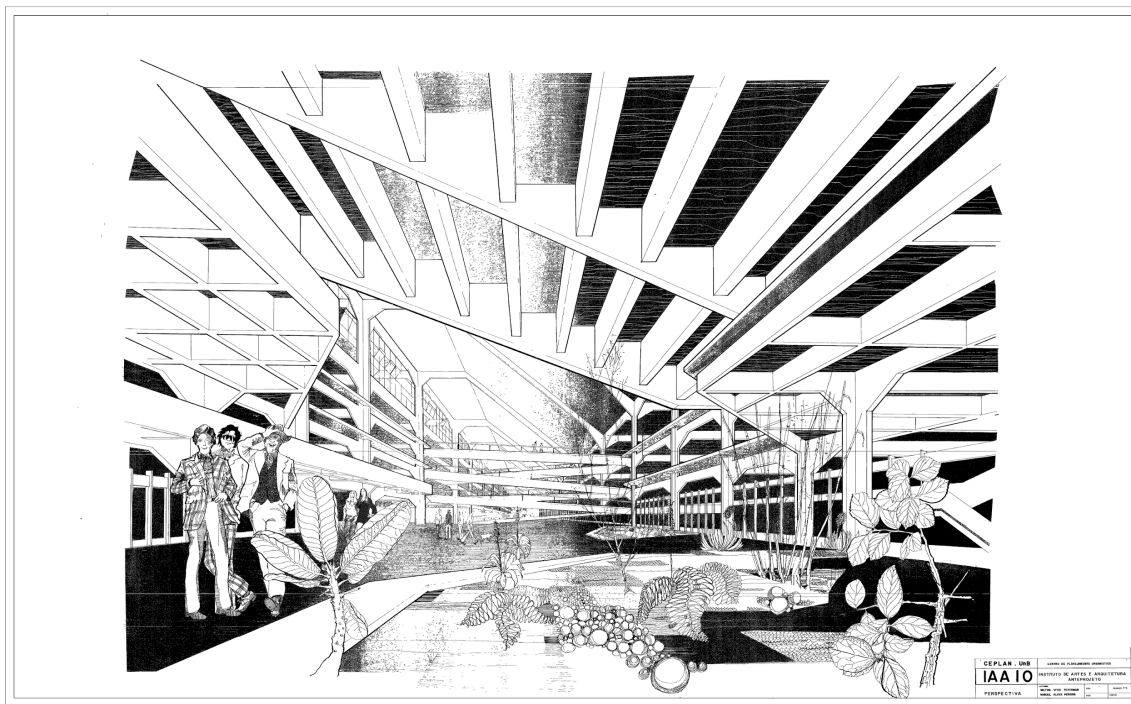
Textos, peças gráficas, orçamentos, ficam a cargo de cerca de duas dezenas de servidores, quantitativo que historicamente constitui a equipe das áreas de planejamento e projeto. O número de colaboradores, incluindo a equipe de obras, em alguns momentos, como na época do REUNI, passou de uma centena. Em tempos de facilidade na criação de cópias de documentação digital, manter um padrão de classificação e de nomenclatura inteligível para toda a equipe é um grande desafio.

Na diversificada documentação do acervo do Ceplan, há tanto documentos em papel quanto os digitalizados e nato-digitais. A interrupção dos propósitos iniciais advinda das ações da Ditadura Militar, marcadamente as de 1965, com a demissão em massa, impactou na guarda da documentação. “Com o abandono de que foi vítima, pelo afastamento de seus idealizadores, muito da breve história do Ceplan ficou sem registro: parte do material foi retirada de suas dependências, devido à ameaça de possíveis depredações, e outra danificada pelo tempo e pelos maus-tratos” (CAVALCANTE, 2015, p. 169). Um relevante material que se encontra no Arquivo Central da UnB é um conjunto de desenhos que o arquiteto panamenho Virgílio Sosa Gomes recolheu após a dissolução da equipe original do Centro, em 1965. Esses documentos foram levados ao país de origem do arquiteto e posteriormente devolvidos – em trâmite que envolveu o presidente daquele país e o reitor da UnB – em 2001 (SCHLEE, 2018, p. 166). Exemplo de como a documentação pode literalmente circular por vários espaços.

Nas dependências do Ceplan são desta fase inicial algumas peças gráficas que ocupam mais de vinte mapotecas metálicas. Também estão armazenadas nos tradicionais tubos plásticos utilizados para a guarda de pranchas de desenhos. Esse material em papel já foi digitalizado, porém não está disponível via sistema AtoM do Arquivo Central. O processo de mudança de suporte é denominado de transmigração de dados, pois os documentos “que tiverem que ser conservados não podem mais ficar parados, mas, para se corporificarem, têm que estar em permanente perambulação – como as almas na reencarnação (...)” (ASSMANN, 2011, p. 380). Parte da documentação em papel que integrava os processos internos – nomeados internamente de UnBDOC – já foi digitalizada. Na década de 2010, a tramitação de processos passou a ser feita via Sistema Eletrônico de Informações (SEI), adotado amplamente pelo serviço público.

Dos documentos digitalizados, há, por exemplo, o projeto de algumas edificações não construídas, como a sede do Instituto de Artes e Arquitetura (IAA), de autoria de Milton Vitis Fererman e Miguel Alves Pereira, de março de 1973 (Fig. 9). Também há peças gráficas de alguns Planos de Ocupação e poucos desenhos do mobiliário original. Infelizmente, grande parte do material se perdeu ao longo dos anos, inclusive a maior parte do projeto do Instituto Central de Ciências.

Figura 9: Perspectiva do Instituto de Artes e Arquitetura, desenhada em 1973 (não construído).



Fonte: UnB/Ceplan

Houve um tempo, antes da conscientização sobre a importância da guarda de documentos em arquivos, em que muitos projetos originais desapareceram. No momento em que a documentação técnica circulava em papel, o espaço físico ocupado instigava, de tempos em tempos, o descarte em prol da liberação das salas onde estavam depositados. Com isso, parte da história do planejamento, da arquitetura e do urbanismo da UnB foram, literalmente, para o lixo.

Em 2022, consta no acervo digital do Ceplan mais de 500 mil arquivos, sendo cerca de 10 mil pranchas digitalizadas das mapotecas. Entre eles, há arquivos duplicados ou apresentando várias versões de um mesmo documento. A possibilidade de contagem digital resulta em números impactantes que incluem rascunhos, informações auxiliares, várias versões, duplicações, *backups* etc.

Em tempos de documentação digital, há por um lado o risco de perda de informações com apenas um clique. Por outro, há o desafio em controlar a realização de infindáveis cópias que dificultam a localização da versão final. A consulta à documentação técnica – numerosa e relevante – requer atenta pesquisa a fim de localizar a versão desejada em meio a uma imensidão de arquivos.

Para o pesquisador externo, o contato com essa documentação gera grande expectativa. Esses documentos são fonte de informações para várias pesquisas acerca da arquitetura, do urbanismo, da infraestrutura, da arte, do paisagismo, do mobiliário etc. que subsidiam relevantes narrativas. Registra-se a ausência de um quantitativo significativo de fotografias no acervo do Ceplan.

Figura 10: Interior do SG 10.



Fonte: Eduardo Oliveira Soares (2015)

Internamente, porém, a cada solicitação de documentação, principalmente de um material mais recente, há a necessidade de um esforço na identificação do que é um estudo interno e do que é de interesse do público externo. “Não é possível separar o que é histórico do que não é histórico no âmbito de um conjunto arquivístico. Fatos ou documentos adquirem esse *status* a partir de um gesto de interpretação” (CAMARGO, 2003, p. 14). O estudo preliminar descartado de hoje pode constituir, futuramente, alguma documentação importante.

As pesquisas aos acervos acabam, indiretamente, reafirmando o que a equipe atual do Centro – espera-se – já sabe. O Centro de Planejamento Oscar Niemeyer constitui e abriga relevantes acervos que permanentemente despertam o desejo da sociedade em pesquisar, narrar e divulgar (Fig. 10). Institucionalmente, estabelecer uma política de gestão de acervos das diversas unidades acadêmicas e administrativas, por meio da interlocução de representantes qualificados, seria uma forma de salvaguardar esse legado. Afinal, apresenta relevância além da Universidade.



6. Considerações finais

As peculiaridades do Ceplan o aproximam das experiências ocorridas na Bauhaus. Tanto quanto a interdisciplinaridade da formação de profissionais por meio de uma pedagogia que procurava romper com a estabelecida, quanto em relação à construção de um edifício que materializou as inovações pretendidas – envolvendo arquitetura, arte, mobiliário. A escola alemã de vanguarda Bauhaus, criada em 1919, foi referência em relação ao Movimento Moderno, à arquitetura e ao *design*. No caso do SG 10, imagina-se que a inspiração não era explícita, afinal, o anseio pelo novo não poderia se basear em algo ocorrido há décadas. Mas, havia sim a convicção, como na Bauhaus, da necessidade de inovar no modo de fazer e de ensinar a arquitetura, a arte, o *design*. A avaliação das trajetórias do Ceplan e da Bauhaus pode suscitar a elaboração de trabalhos específicos.

Ao adentrar o edifício que abriga o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer, visualiza-se a estrutura, os murais artísticos de Niemeyer – que outros prédios os têm? –, o espaço integrado ao jardim que ilumina um salão com móveis desenhados especialmente para a Universidade e, também, maquetes de projetos de edificações criadas em diferentes décadas. É frequente a visita de estudantes e de profissionais da área de arquitetura e do *design* que circulam entre os servidores envolvidos nos assuntos atinentes à infraestrutura física da universidade. Um local de trabalho ambientado em um espaço que evoca o conceito de síntese das artes. Quando há muitas pessoas no prédio, a movimentação rememora os momentos iniciais do Ceplan, quando desenvolvimento, vanguarda e realização andavam juntos. Quando vazio, como em alguns períodos durante a pandemia de Coronavírus, relembra os períodos de silenciamento devido à Ditadura Militar.

Já a documentação sob a guarda do Ceplan apresenta décadas de intenso trabalho em prol do planejamento físico da infraestrutura da Universidade de Brasília. Documentação relevante considerando a qualidade e quantidade de edificações e espaços livres desta que é uma das maiores universidades do país.

Ao conhecer o SG 10, o pesquisador consegue melhor contextualizar a documentação produzida desde 1962. Sobre o conjunto formado pelos documentos, observa-se que “maior que a soma das partes que o integram, esse organismo é que lhes empresta autenticidade. Por isso, se pode dizer que os documentos carregam consigo, obrigatoriamente, a cunha da instituição que os produziu” (CAMARGO, 2003, p. 12). Oxalá que a unicidade desse conjunto de acervos sobreviva aos eventuais desatinos institucionais.

A simplicidade refinada deste ambiente de trabalho se manteve no decorrer das décadas (Fig. 10) e é sob seus espaços que os acervos se mantêm potencialmente prontos para novas abordagens por parte dos pesquisadores. Tornar um acervo acessível é um modo de informar a sociedade sobre a sua existência e relevância.

A importância de um acervo pode ser reafirmada a cada pesquisa, observando que o que é irrelevante para alguns pode constituir o tema central da pesquisa de outrem. A própria abordagem do que constitui um acervo, como a utilizada neste texto, estabelece um momento de interpretação.

A dinâmica administrativa tem sempre o desafio de conciliar o desejo de avanços da gestão com a observância da relevância do passado. Mas esses acervos, o Ceplan e a UnB, já passaram por muitos percalços. O importante é registrar que em maio de 2022 o Centro de Planejamento Oscar Niemeyer completou 60 anos, sendo um singular exemplar dentre vários acervos da UnB.

O Ceplan é fruto da criação de Brasília e da Universidade de Brasília. E a sua importância transcende os limites da Universidade e o tempo atual.



7. Referências

- ALBERTO, Klaus Chaves. *Formalizando o ensino superior na década de 1960: a cidade universitária da UnB e seu projeto urbanístico. Tese (Doutorado em Urbanismo)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Raros e rotos, restos, rastros e rostos: os arquivos e documentos como condição de possibilidade do discurso historiográfico.” *ArtCultura*, jan.-jun. de 2013: pp. 7-28.
- ALIAGA FUENTES, Maribel del Carmen. *Os primeiros mestrados da FAU-UnB: de um passado que não se construiu. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)*. Brasília: FAU UnB, 2017.
- ARQUIVO CENTRAL da UnB. *O Arquivo Central*. s.d. <https://arquivocentral.unb.br/institucional/o-arquivo-central>. Acesso em out. 2021.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Unicamp, 2011.
- BERGDOLL, Barry; COMAS, Carlos Eduardo; LIERNUR, Jorge Francisco; DEL REAL, Patricio. *Latin America in construction: architecture 1955 - 1980. The Museum of Modern Art (MoMA)*, Nova York, 2015.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. “Sobre o valor histórico dos documentos.” *Arquivo Rio Claro*, 2003: pp. 11-17.
- CAVALCANTE, Neusa. *CEPLAN: 50 anos em 5 tempos. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)*. Brasília: FAU UnB, 2015.
- CHAGAS, Mário de Souza. “Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação.” *Cadernos de Socoimuseologia*, 1994: pp. 29-47.
- COSTA JÚNIOR, José Airton. *Arquitetos-designers: o mobiliário moderno da Universidade de Brasília. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)*. Brasília: FAU UnB, 2014.
- COSTA, Lucio. “Relatório do Plano Piloto de Brasília.” Em *Relatório do Plano Piloto de Brasília, por GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL*, pp. 18-34. Brasília: GDF, 1991.
- FERREIRA, Anelise Weingartner, SOARES, Eduardo Oliveira; SIMEÃO, Elmira Luiza Melo Soares; DAHER, Jeanina; VULCÃO, Maria Goretti Vieira; MACHADO, Reinaldo Guedes; OLIVEIRA, Renata Azambuja de; PUBLIESE, Vera. *Acervo de Arte Universidade de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2014.
- FORTHMANN, Heinz (Direção). *UnB: Primeira experiência em pré-moldado (17'25'')*, 1970.
- GONSALES, Célia Helena Castro. “Síntese das artes. Sentidos e implicações na obra arquitetônica.” *Arquitextos*, São Paulo, ano 12, n. 144.06, Vitruvius, maio 2012 <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.144/4351>.
- LEITÃO, Francisco das Chagas. *Do risco à cidade: as plantas urbanísticas de Brasília, 1957-1964. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)*. Brasília: FAU UnB, 2003.
- MARI, Marcelo. “Produção de móveis na UnB: cadeiras de madeira e de couro.” Em *Mobiliário moderno: das pequenas fábricas ao projeto da UnB*. CALHEIROS, Alex; MARI, Marcelo; RUFINONI, Priscila Rossinetti, pp. 149-172. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014.
- MELO, Magda M. “Síntese das Artes na Arquitetura de Oscar Niemeyer”. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*. Londrina, v.24, p.121-130, set. 2003.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. “A História, cativa da Memória?”. *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo*, 1992: pp. 9-24.
- NIEMEYER, Oscar. “Depoimento.” *Módulo*, jan. fev. de 1958: pp. 3-6.
- NIEMEYER, Oscar. “Escritório do Ceplan.” *Módulo*, mar de 1963, 32 ed.: pp. 25-31.
- NIEMEYER, Oscar. “Galpão para Serviços Gerais II.” *Acrópole*, jan. fev. de 1970: pp. 32-34.
- NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares.” *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC/SP*, dez. de 1993, 10. Ed. ed.: pp. 7-28.
- PESSINA, Luiz Henrique Gomes. *Aspectos Gerais da Pré-fabricação: estudo de cronograma de obra com pré-fabricados*. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.
- RIBEIRO, Darcy. “Papel e função da Universidade de Brasília na luta pelo desenvolvimento.” *Módulo*, mar. de 1963: pp. 1-11.



- RONCAGLIO, Cynthia. *Manual de gestão de documentos de arquivo da Universidade de Brasília*. Brasília: Cebraspe, 2015.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal, GARCIA, Cláudia da Conceição; SOARES, Eduardo Oliveira; TENORIO, Gabriela de Souza; NASCIMENTO, Márcio Luiz Couto do; VULCÃO, Maria Goretti Vieira; CHOAS, Mona Lisa Lobo de Souza. *Registro Arquitetônico da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. "A Praça Maior da UnB." *Thesis*, 2018: pp. 164-187.
- SOARES, Eduardo Oliveira. "Planos e propostas institucionais da Universidade de Brasília sobre o uso e a ocupação do *Campus* Universitário Darcy Ribeiro." *Paranoá*, 2018, 21 ed.
- SOARES, Eduardo Oliveira. *Tempos e territórios transluzidos: narrativas fotográficas instantâneas nas redes sociais sobre o Campus Universitário Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Brasília: FAU UnB, 2021.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Anuário Estatístico 2020*. 2020. <https://anuario-estatistico-unb-2020.netlify.app/geral.html#vagas-oferecidas-nos-processos-de-selecao-primarios-da-unb-2019>. Acesso em out. 2021.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Ato da Reitoria n. 1269/2009 de 27 de maio de 2009*. 2009.
- UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. *Plano Orientador da Universidade de Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

Eduardo Oliveira Soares

É doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília/UnB, na área de Teoria, História e Crítica. Possui mestrado em Arquitetura e Urbanismo (2013) e Especialização em Reabilitação Ambiental Sustentável Arquitetônica e Urbanística (2009) também pela UnB. É graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL (1995). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: Brasília, narrativas, fotografias, memória e patrimônio. É coautor do Registro arquitetônico da Universidade de Brasília (2014) e do Acervo de Arte - Universidade de Brasília (2014). É servidor do quadro da Universidade de Brasília.

Como citar: SOARES, Eduardo Oliveira. Acervos do sexagenário Centro de Planejamento Oscar Niemeyer da Universidade de Brasília. **Revista Paranoá**.n. 32, jan/jun 2022. DOI 10.18830/issn.1679-0944.n32.2022.26

Editores responsáveis: Maria Cristina Leme, Daniela Ortiz e Liz Sandoval.